

As bananeiras que perturbam

The banana trees that disturb

Hana Brener Mockdece*
Lucimélia Romão*
Marlon Bruno Vitor de Paula*

Macondo tinha sido um lugar próspero e bem encaminhado até que o perturbasse, corrompesse e explorasse a companhia bananeira, cujos engenheiros provocaram o dilúvio como um pretexto para fugir aos compromissos com os trabalhadores.

(Gabriel Garcia Marquez - Cem Anos de Solidão, 1967)



Macondo







O tom pejorativo do termo “Republiqueta das Bananas” voltou à tona recentemente, quando a crise de representatividade política atingia em cheio o Brasil com o processo de impeachment da ex-presidente Dilma Rousseff. O povo não conseguia se enxergar dentro do sistema político cambaleante – inúmeros casos de corrupção, políticos sem confiança para assegurar os direitos do povo e os inúmeros retrocessos sociais em iminência com o então recente governo de Michel Temer.

No ano de 2016, diante desse cenário difícil para a democracia brasileira, surgiu dentro do Coletivo Pé³, a necessidade de criação de um trabalho artístico que dialogasse com o momento que estávamos vivendo e com o passado, atravessando nossa historicidade latino-americana. Origina-se assim a performance *Republiqueta das Bananas: A Marcha da Nódoa ao Caos*, uma ação que consistia em uma caminhada de três performers pela cidade carregando em suas costas bananeiras – por algumas horas atravessando ruas, avenidas, praças, viadutos, linhas de trem, atrapalhando o trânsito, interrompendo o fluxo (a)normal das coisas, levando para o espaço da cidade o tempo de pausa pelo estranhamento e contemplação aos transeuntes.

As bananeiras carregam uma importante carga simbólica, pois foi a partir do cultivo das mesmas que empresas como a *United Fruit Company* exploraram trabalhadores nos territórios da América Latina de forma abusiva e opressora, o que ficou marcado pelo registro histórico do fatídico Massacre das Bananeiras em 1928, na Colômbia. Desse modo, símbolos da experiência humana de mundo, nas infelizes circunstâncias, fixados em termos como Republicueta das Bananas para denominar inúmeras nações de democracias frágeis, que tiveram governos derrubados, ascensão de ditaduras, golpes de estado, administrações corruptas e manipuláveis.

No processo de construção da performance, trabalhamos com relatos históricos e autobiográficos, como no caso da performer Lucimélia Romão, negra, que compartilhou a história do sobrenome da sua família, resultado de uma herança escravocrata. Essa, como tantas outras histórias, nos atravessam e nos fazem refletir sobre a nódoa, ou a mancha que cerca nossas origens.

Durante a performance, as roupas, outrora brancas, iam sendo tingidas em contato com as bananeiras que carregamos, marcadas por nódoa, impregnadas de algo que irreversivelmente saía das peças, como uma epitáfio: os mortos deixados lá, noutro espaço-tempo, agora estão aqui, seus sangues, suas lágrimas, transfigurados em seiva, irreversivelmente saindo do tecido de nossa história.

A ação não passava despercebida – desconforto, medo, estranhamento, curiosidade, admiração nos olhos do outro. Em Brasília, em um trajeto da Universidade de Brasília até a Praça dos Três Poderes, distribuimos bananas aos que encontrássemos no caminho, a fruta com os dizeres “Made in...”, colocando todos os 33 países que compõem a América Latina. Bananas oferecidas aos transeuntes ao alcance dos braços; latinoamericana oferecida de bandeja ao capital a preço de banana. E o que resta é o rastro. Pedacos das bananeiras e cascas pelo caminho, instalação temporária e efêmera ocupando as cidades.

Ao final, retiramos solidariamente os fardos de nossas costas, cuidadosamente desamarrando as faixas, os ombros já não doíam, o corpo se libertava do objeto e o direcionávamos ao chão. Ao som ininterrupto da matraca, colocamo-nos de posse de facões a triturar, cortar, despedaçar as bananeiras. Juntamos os pedacos ordenadamente no chão e fomos embora. Um tapete de Corpus Latine em frente a Igreja do Rosário em São João del-Rei ou na Praça dos Três Poderes, em Brasília. O chão: SANGUE.

Ante um facão, uma mão que se corta na lâmina. Suja. Sangue. Nódoa incrustada, impregnada, ressequida e enrijecida pelo tempo. Arrepio. Corpo caminhada; corpo dor; corpo fardo. Corpo bananeira fardo carregado por quilômetros. Por séculos. Atravessa tempos espaços e corpos. Passado presente que grita. Corpo resiste, resistimos, (re)existimos em arte e luta.

* **Hana Brener Mockdece** Bióloga, dançarina, pesquisadora, performer, artesã. Atua hoje no Coletivo PÉ³ - Pé na Porta de Performance, Grupo Anga de Teatro, Grupo Ômin Áyiê de dança afro, Cia Riacho de Areia, pesquisa em dança brasileira contemporânea. Integra o Grupo de Estudos em Contato Improvisação SJDR. Formada em Biologia pela UFV com o trabalho “Poéticas biológicas: investigando uma proposta de dança-arte-educação ambiental no contexto da Agroecologia.

* **Lucimélia Romão** Atriz, graduanda em Teatro na UFSJ, integrante do Coletivo PÉ³. Pesquisadora em Performance Arts e Teatro Performativo com foco em Teatro Negro e a Performance Negra na contemporaneidade.

***Marlon Bruno Vitor de Paula** Artista visual e performer, formando em Comunicação Social da Universidade Federal de São João del-Rei, e formado no curso técnico em teatro pelo grupo Teatro da Pedra, atua como membro do coletivo PÉ³ de performance e ativismo.